

10985
A PORTARIA DE 26 DE JUNHO

PROHIBINDO AS

CONFERENCIAS DEMOCRATICAS

CARTA PÚBLICA

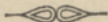
AO

Ex.^{ma} Sr. Marquez d'Avila e Bolama,

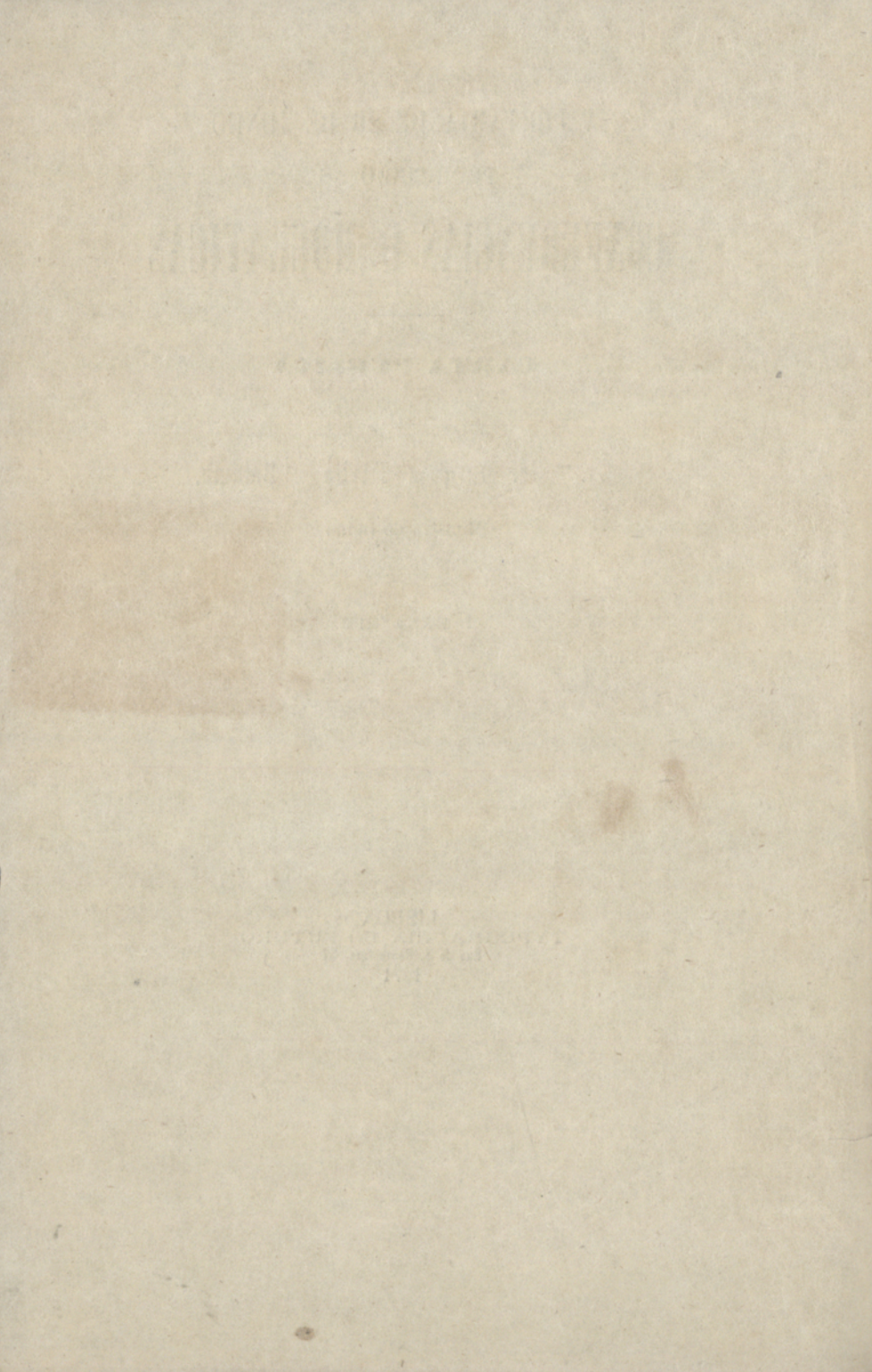
Ministro do Reino

por

F. ADOLPHO COELHO.



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO FUTURO
Rua de S. Boaventura, 37
1871



Ex.^{mo} Sr.

Quando segunda feira 26 soube que uma portaria do ministerio do reino tinha prohibido, sem restricções, a continuação das conferencias democraticas não admirei em nada esse facto. Aquella portaria esperava-a, era consequencia legitima de certas causas que permitem aos homens que governam o nosso paiz (se governar se pode chamar ao que fazem) o praticarem todos os actos irrationaes que lhes appraza ou lhes convenha.

Essas causas são o estado politico, o estado moral e o estado intellectual do paiz, que o fazem estar inteiramente entregue ás mãos ora d'um ora d'outro de quatro ou cinco grupos de homens sem idéas, sem

convicções, provadamente incapazes de o dirigirem, homens que a opinião publica accusa todos os dias de egoistas, de inhabeis, e de peor ainda, como V. Ex.^a sabe por experiencia propria. Infelizmente, essa opinião publica é fraca, sem coragem, não vae além da declamação esteril e superficial, e não vae alem porque as causas a que me referi não lh'o permitem. Passo a examinal-as.

O estado politico do nosso paiz não é facil de definir, sem duvida; na Europa hoje não se encontra nenhuma outro nação comparavel á nossa pelo modo porque se soube cá apresentar uma instituição velha, sem modificação essencial, com o nome illusorio de monarchia constitucional. É mister ter uma ignorancia perfeita dos regimens constitucionaes da Inglaterra, da Belgica, da Hollanda, etc., para suppôr que o nosso systema politico se possa comparar, mesmo de longe aos d'esses paizes. Em breve se publicará um estudo em que essa verdade será demonstrada, para desilludir os que ainda crêem que estamos n'um paiz constitucional.

O nosso regimen politico é simplesmente uma oligarchia, funesta como as mais funestas das oligarchias antigas. O suffragio universal, a representação nacional, todos sabem que não passam de apparencias puras; os jornaes dizem-nol-o todos os dias e V. Ex.^a

que está preparando umas eleições, e que ha pouco dissolveu as camaras sabe-o melhor que eu e que os jornaes. Ninguem ignora essa verdade, mas o mal subsiste, e a razão d'essa subsistencia apresenta-nol-a o estado moral do nosso paiz. A consciencia nacional fugiu d'aqui. O catholicismo de mãos dadas com o absolutismo e (depois com a oligarchia ministerial) trabalharam desde a epoca manuelina para a anniquilarem e foram assaz habéis para a suffocarem durante longos periodos, n'um ou n'outro intervallo dos quaes ella se manifestou momentaneamente, para por fim a destruir quasi completamente, ao que parece. Nas lutas constitucionaes o que restava d'essa consciencia, essa pequena brasa na cinza, fomentada pelas revoluções europeas, lançou um clarão n'alguns corações sinceros; houve então um impulso momentaneo para ávante, mas como a maioria era de hypocritas, para quem, como taes, todas as formas politicas eram boas logo que elles podessem aproveitar-se d'ellas, o impulso ficou inutilizado; a boa fé da minoria foi illudida com uma constituição apparente, rasgada para maior evidencia pela propria rainha posta no throno em 1834. É uma historia d'hontem que desgraçadamente está já muito esquecida.

Apesar da minha admiração pelos heroes verdadeiros da revolução liberal, que não são os heroes officiaes, estou sinceramente convencido de que a revolução

seria frustrada no começo se á questão social não se unisse n'ella a questão dynastica que a havia de deitar a perder. Só tarde é que os liberaes convictos viram o mal em toda a sua extensão, só tarde quando o remedio era impossivel, e desesperaram.

Os hypocritas e os idiotas fanaticos tinham o campo livre; triumpharam, fazendo-se mutuas concessões, de má vontade, acompanhadas dos grunhidos do cão que se vê obrigado a largar o osso a outro cão mais corpulento. O jogo cobriu-se com o barrete da liberdade. Hoje os homens do nosso paiz dividem-se em tres grupos: os de consciencia pura que desesperaram, e d'esses o numero é pequenissimo, os fanaticos reduzidos pelo clero ao idiotismo, que formam outra minoria mais consideravel que a primeira, e os hypocritas que formam a enorme maioria; d'aqui conclue-se que a formula do estado moral do nosso paiz é hypocrisia social, porque as formulas historicas baseam-se nas tendencias das maiorias.

O estado intellectual do paiz é perfeitamente coherente com o seu estado politico e moral; já n'outra parte indiquei os seus traços geraes e o assumpto não se esgota facilmente; mas o resultado do estudo que n'esta parte se faz resume-se no seguinte: guerra aberta ao criticismo, ás idéas scientificas; respeito á acutoridade academica e magistral, como legalmente

constituída, sem se querer discutir se essa auctoridade tem ou não fundamentos.

Essas são as causas que me fazem crer possível da parte dos homens que dirigem o nosso paiz qualquer acto por mais absurdo, por mais irracional e monstruoso que seja. Pelo que diz respeito á portaria prohibindo as conferencias democraticas, esperava-a não só por essas causas como pela força d'outras circumstancias particulares que se complicavam.

As conferencias democraticas representam a luta da consciencia nacional que renasce pequena, isolada, sem apoio, sem esperanças de resultado até, perseguida pelos que deviam ser os primeiros a reconhecê-la, contra a maioria prodigiosa dos hypocritas e dos idiotas fanaticos. Essa maioria tremeu apesar da consciencia nacional se ter manifestado n'um tão pequeno circulo; tremeu porque ella sabe bem o que é: viu deante de si o dia da cinza em que iam cair as mascaras do seu carnaval incessante.

—Se a orgia ia terminar! disse consigo; e então espavorida tomou a mão obediente de V. Ex.^a e fez que ella nos applicasse á boca a mordação inquisitorial. Outro qualquer que estivesse no ministerio, dos nossos estadistas actuaes faria talvez o mesmo que V. Ex.^a fez; faço-lhe a honra de o crer; mas confesso

que penso que V. Ex.^a estava talhado melhor que nenhum outro para o papel de que se encarregou.

Nunca vi despota ou carrasco que não fosse ao mesmo tempo extraordinariamente horrível e grotesco; mas um despotasinho em miniatura, ou um supplicador em ponto pequeno, d'estes que nem tem força d'aplicar a pena capital, e fogem a qualquer motim na rua, pareceram-me sempre apenas ridiculas caricaturas. Como caricatura do estadista e do homem de saber, V. Ex.^a estava naturalmente talhado para ser também caricatura de despota; era pois muito a propósito que estava no ministerio quando se inauguraram as conferencias democraticas.

Uma outra causa ocasional favoreceu ainda a gloriosa portaria de V. Ex.^a: estamos em vespas de eleições e V. Ex.^a carece do clero e do professorado, escandalizados pelas conferencias democraticas. A portaria é pois uma coisa perfeitamente natural; seria até impossivel que ella não fosse lavrada.

A imprensa periodica tem discutido, e parte d'ella condemnado a arbitrariedade do acto, não sei se com sinceridade, se por questão de partido; mas a portaria, subsistirá, e se acaso V. Ex.^a por algumas das complicações do costume sair do ministerio, creio que quem succeder a V. Ex.^a de qualquer dos partidos conheci-

dos a não revogará. Os que se indignáram contra ella são poucos, nada podem fazer. Curvaremos pois a cabeça diante da mão despotica da politica portugueza? V. Ex.^a e a gente que V. Ex.^a satisfez, prohibindo as conferencias, enganam-se completamente, suppondo que matam á nascença uma empreza necessaria e justa. Pela minha parte, prometto que não hei-de largar mão da tarefa que emprehendi de desmascarar a hypocrisia e o charlatanismo. Os meios a que se pode recorrer são ainda muitos; por emquanto a politica portugueza não nos cortou senão um. E depois Portugal não é felizmente a Europa. O tribunal que me hade julgar não está aqui, n'este paiz, em que a fatalidade me fez nascer, a que o presente me fez perder o amor, porque só se ama o que se nos affigura bello.

Não é tanto por elle que combato, como pelas idéas, pela verdade, pela justiça, pela liberdade.

Mas estou a fallar em cousas de que V. Ex.^a não entende palavras e a perder, portanto, o meu tempo.

É melhor determinar o character da portaria de V. Ex.^a, e deixar de parte outras quaesquer questões.

As conferencias democraticas que evidentemente excitaram as iras publicas e officiaes foram as duas do

sr. Anthero do Quental, a minha sobre o ensino e a annunciada do sr. Salomão Saraga sobre os *Historiadores criticos de Jesus*; o teor d'aquellas tres fizeram prejudgar do teor da última e condemnal-a sem a conhecer por um processo digno de V. Ex.^a e dos que V. Ex.^a representa.

A conferencia do sr. Soromanho não assustou ninguém, nem ao que parece os proprios jornalistas, que foram os mais verberados n'ellas; pelo menos estes não pretenderam condemnar a critica do collega de V. Ex.^a.

Demais a esthetica do sr. Soromenho não é revolucionaria; a sua conferencia não offerencia aso a julgarem-no heretico ou reformador social.

A conferencia do sr. Eça de Queiroz não está inteiramente ao abrigo de qualquer suspeitas de espirito heretico ou revolucionario. O sr. Eça fallou, em revolução permanente como theoria da justiça, em arte revolucionaria, e descreveu o quadro de Courbet a *Volta das conferencias*, etc. mas não parece tambem que algum politico, ecclesiastico, professor ou academico se assustasse.

As conferencias do sr. Anthero do Quental e as minhas, foram a verdadeira pedra de escandalo; eis as

que fizeram recear da do sr. Saraga e das outras futuras ; sobre ellas caiu a execração publica.

Que houve, pois de tão horroroso, de tão anathematisavel nas conferencias do sr. Quental e na minha ?

Na Hespanha, na Italia, na França, na Hollanda, na Belgica, na Inglaterra, na Allemanha, em summuma em qualquer das grandes nações Europeas que lutam pelas idéas emquanto nós nos afogamos no lodo, essas conferencias seriam uma coisa simplicissima ; tirada a applicação ao nosso paiz, nada do que ambos dissemos seria novo para essas nações ; só essa applicação era nova. Os principios em que se fundou o sr. Anthero do Quental, os principios em que me fundei, os mesmos na essencia, embora encarados por lados mais ou menos diversos, segundo o modo de ver individual de cada um, não são nossos, não os inventámos nós : são os principios do nosso tempo, são os caracteristicos do espirito do nosso tempo, e quem não vive n'esse espirito vive fóra da historia, e portanto irracionalmente. Esses principios acham-se nas obras de todos os verdadeiros pensadores e sabios do seculo xix ; teem sido ensinados em muitas escolas publicas das nações que citei ; não se encontrará hoje facilmente uma bibliotheca em que não appareça um ou mais livros propagando-as. Em Portugal mesmo,

aqui em Lisboa, o estado faz comprar á *sua custa* algumas d'essas obras propagadoras das idéas que no Casino assustaram tanta gente e expõe essas obras á leitura publica, sem restricção, na Bibliotheca Nacional. Lá se encontram livros Hegel, que assustou a propria Allemanha, de Buckle que diz que só as idéas scientificas podem produzir o progresso, e que as idéas moraes são incapazes de conseguirem, de Strauss, de Michelet, de centenares de hereticos, protestantes, republicanos, democratas mais ou menos apaixonados. Emquanto, pois, por um lado o estado é o primeiro a favorecer a propagação entre nós d'aquellas idéas, e em ponto grande, porque um livro dispõe de muito maiores meios de produzir a convicção que uma conferencia curta e, por sua natureza, fragmentaria, por outro lado esse proprio estado é o primeiro a obstar a uma propagação insufficiente, incompleta d'essas idéas por meio da palavra deante de um auditorio numericamente insignificante. De duas uma: ou V. Ex.^a ignora estas coisas, o que é completamente impossivel a um ministro do reino, ou V. Ex.^a não as ignora e então tenho direito a tirar a seguinte conclusão:

Que não são os principios que V. Ex.^a persegue (e por certo V. Ex.^a não sabe nem quer saber nada de principios), mas sim a applicação d'esses principios á critica das instituições portuguezas. Como rejeito a primeira hypothese, considero esta conclusão como

a expressão da verdade. A portaria de V. Ex.^a tem, por consequencia, o caracter de guerra puramente pessoal.

V. Ex.^a tem do paiz o conhecimento sufficiente para estar convencido de que, do mesmo modo que encetou essa guerra, pode, com os que representa, continual a impunemente; tambem sei isso e não me assusto por essa razão, como os meus compatriotas se assustaram com as conferencias do Casino. Do lado de V. Ex.^a e dos que V. Ex.^a representa está a força material, do meu lado está a força das idéas. Os meus contrarios podem esmagar-me individualmente, mas a força das idéas ha de esmagal-os a elles. Os meus compatriotas caminham inconsciamente para um abysmo inevitavel no curso actual do das coisas; quando lá se acharem que se arrependam e condemnem então aquelles, que como V. Ex.^a lhe apressam a queda.

As conferencias democraticas vinham revelar em toda a sua extensão, na sua verdadeira natureza, sem rodeios, os males que tem produzido o nosso abaixamento nacional, indicar os remedios que se nós apresentavam obvios.

Pediamos a discussão, a refutação, se ella fosse possivel, das nossas idéas. Essa discussão, essa refu-

tação não vieram ; mas em seu logar vimos o improprio, a insinuaçõesinha vil e estulta, o insulto alvar, e como os que empregavam taes meios eram os primeiros a reconhecer a sua insufficiencia, coroaram a obra com o argumento da mordação. Portanto, ou os que nos perseguem são incapazes de discutir e refutar e só sabem insultar e calumniar, ou o que dissemos nas conferencias democraticas, está, não dino na totalidade (não nos pretendemos infalliveis), mas no todo, e sobretudo nos pontos essenciaes, ácima de toda discussão. Isto é evidente ; mas as cegueira é tão grande que são raros os que o veem ; mas tenha V. Ex.^a a certeza de que se teem a seu lado os hypocritas e os idiotas, é condemnado pelos que nem são hypocritas nem idiotas.

Lisboa, 28 de junho de 1871.

F. Adolpho Coelho.